

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE MEDICINA

ALEX SANDRO GUILHERMINO DOS SANTOS

FILOSOFIA E MEDICINA

MACEIÓ

2021

ALEX SANDRO GUILHERMINO DOS SANTOS

FILOSOFIA E MEDICINA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a coordenação do curso de
Medicina da Universidade Federal de
Alagoas

Orientador: Gerson Odilon Pereira

MACEIÓ

2021

GERSON ODILON PEREIRA

DEONTOLOGIA — MÉDICA —

Georgianna Silva Wanderley
Marcos Roberto Campos Junior
Eduardo de Oliveira Costa



sarvier

FILOSOFIA E MEDICINA

Alex Sandro Guilhermino dos Santos
Francisco Costa

O conhecimento ao qual temos acesso hodiernamente é bastante diversificado e apresenta pressupostos, métodos e objetivos diferentes. Algumas áreas do conhecimento são mais recentes e outras mais antigas (não necessariamente primitivas). Assim, podemos identificar o conhecimento empírico – também conhecido como senso comum; o conhecimento filosófico – surgido com os gregos por volta do século VII a.C.; o conhecimento teológico – com objetos do conhecimento que não são mensuráveis ou comprováveis; e o conhecimento científico.

Cada um dos tipos de conhecimento teve seu auge, ou seja, seu momento de maior expressividade e influência histórica e social, embora todos sempre coexistiram. Atualmente, o conhecimento científico é o de maior influência em nosso cotidiano. Dentro do conhecimento científico encontramos outras subdivisões de acordo com o método científico utilizado: ciências exatas que se utilizam de um método dedutivo ou axiomático, ciências naturais que se utilizam de um método indutivo, também chamado de experimental ou hipotético, e as ciências humanas utilizam um método compreensivo-interpretativo.

Dentro destas divisões e subdivisões do conhecimento, onde podemos localizar a Medicina? E considerando a Medicina como uma ciência, qual seria sua relação com o conhecimento filosófico?

Não são questionamentos fáceis de serem respondidos, visto, inicialmente, que a Medicina apresenta características das ciências naturais, das ciências humanas e das ciências exatas.

Quando a Medicina começou a se consolidar como ciência, saindo do empirismo, o fez através dos conhecimentos sobre o corpo vindos das ciências naturais, como a Biologia, a Química, a Física, a Fisiologia, etc., o que foi bastante reafirmado com a visão positivista da importância da ciência, com o desenvolvimento tecnológico acelerado desde a Revolução Industrial e com o modelo biomédico (flexneriano) de se compreender o processo de saúde-doença.

Em seguida, com o advento do modelo dos determinantes sociais da saúde, trazendo uma visão mais macro e holística sobre o mesmo processo, a Medicina se aproxima mais

das ciências humanas, a partir do momento em que a própria OMS insere, no conceito de saúde, dimensões que estão para além da esfera biológica.

Atualmente, com o estabelecimento da Medicina baseada em evidências e a criação de protocolos e diretrizes que se embasam em estudos estatísticos, a Medicina está mais próxima das ciências exatas. Assim, não seria coerente classificar a Medicina como um único tipo de ciência, mas como uma forma de conhecimento que sofre a influência de diversas outras ciências e métodos, e ainda que alguma se sobreponha às outras em determinados momentos históricos, todas coexistem e são identificáveis.

E quanto à relação com o conhecimento filosófico? Apesar da Filosofia e da Ciência serem duas formas de conhecimento racional, ambas se separaram, definindo campos específicos da realidade para estudo. A dificuldade em reconhecer a ligação entre as duas está na visão utilitarista que temos do conhecimento, ou seja, consideramos como útil o conhecimento que possa resultar em um produto técnico que tenha uma aplicação prática e uma rentabilidade econômica e, neste cenário, as reflexões filosóficas não parecem se encaixar muito bem. No entanto, toda ciência se inicia por um processo filosófico, ao observar um fato e formular uma hipótese, acumular saberes e corrigi-los, a ciência não está fazendo nada de novo, apenas reproduzindo o que a filosofia já faz.

A Filosofia traz à Medicina o “olhar diferente”, ou seja, a dimensão da realidade para além das necessidades imediatas, confrontando certezas, “dogmas científicos” e princípios de autoridade. E, para além disso, a Filosofia é a responsável pelo componente moral e ético da prática médica, logo, indissociável da prática, principalmente em uma realidade tão judicializada da Medicina atual. Também vale ressaltar que a ciência nem sempre teve esse formato atual, longe da Filosofia. Só a partir da introdução do método experimental, que teve como embasadoras, as teorias de Francis Bacon e de René Descartes (filósofos) como pressuposto de legitimação da ciência, é que esta, de fato, se distancia do saber filosófico, mas não escapando do mesmo. (ZILLES, 2005, p. 142-143).

Na análise desta relação entre Filosofia e Medicina, também é válido lembrar que parte dos conhecimentos que hoje fazem parte do arcabouço teórico médico foi iniciado por filósofos, como o pré-socrático Demócrito de Abdera, que já no século V a.C. buscou explicações lógicas e escreveu sobre o sentido da visão e da gustação e deixou obras como: *Prognóstico*, *Sobre a dieta ou Dietética*, *Juízo médico* e *Sobre a febre e as doenças da tosse*. (CARTLEDGE, 2001, p. 39-45)

Todo o fazer médico é perpassado por códigos éticos e morais cujos pressupostos se encontram na Filosofia. Medicalização, obstinação terapêutica, eutanásia, aborto, transplantes de órgãos, geniterapia, etc., são alguns exemplos de temas médicos indissociáveis das discussões filosóficas. Como diz Granger (1994, p. 21):

[...] os problemas éticos levantados hoje em dia pelo desenvolvimento das aplicações da ciência só podem ser [...] resolvidos por uma auto-regulação

Por mais que hoje prevaleça a Medicina baseada em evidências, precisamos atentar para o fato de que a Medicina não é uma ciência exata. É mutável e se desenvolve a partir de novas descobertas e superação de "verdades" antes tidas como fatos. O princípio da falsificabilidade, ou seja, comprovação de uma nova teoria e superação da anterior é o que faz toda a ciência avançar. (ALVES, 1981, p. 184-207)

Atualmente, as ações humanas revestem-se de maiores riscos e perigos na aplicação do conhecimento médico e, justamente por isso, é preciso que haja pressupostos capazes de avaliar a excelência moral, a praticidade ética, a bioética da responsabilidade e cabe ao conhecimento filosófico toda esta análise para que o agir seja consciente e não implique em problemas e querelas desnecessárias. (SANTANA, 2007, p. 99-103)

Não seria prudente nem imparcial deixar que a própria ciência médica, por si só, avaliasse sua conduta, pois, como ressalta Machado (2008, p. 49):

[...] o mundo ético-moral, porque lida com valores e porque sofre demasiada influência dos aspectos subjetivos da conduta humana, não seria uma realidade passível de conhecimento científico, mas apenas de reflexão filosófica.

A escolha das teorias éticas, a sistematização dos pressupostos teóricos, os modelos de análise adotados e os juízos formulados sobre a prática médica são todos de responsabilidade da Filosofia. Podemos citar, por exemplo, uma teoria bastante utilizada atualmente, que é a teoria deontológica, originada com o filósofo alemão Immanuel Kant. (BECKERT, 2004, p. 53-65)

A partir do momento que entendemos a finalidade da Medicina como sendo a saúde do ser humano, admitimos a saúde como algo que abrange o ser humano em suas várias dimensões, não é difícil nem forçoso compreendermos e aceitarmos a necessidade da reflexão filosófica sobre essa área do conhecimento.

Conhecer as teorias éticas no saber filosófico e aplicá-las à finalidade medicinal é tanto um direito quanto um dever daqueles que são médicos e se preocupam com sua ética e com a relação médico-paciente. (BARBIERI, 2008, p. 42-44)

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BARBIERI, José Eduardo. **Defesa do médico**: Responsabilidade civil e a inversão do ônus da prova sob ótica da bioética. São Paulo: LED, 2008.
- BECKERT, Cristina. Introdução à ética. In: **Bioética para as ciências naturais**. Lisboa: Fundação Luso-Americana, 2004, p. 37-66.
- CARTLEDGE, Paul. **Demócrito**. São Paulo: UNESP, 2001.
- GRANGER, Gilles-Gaston. **A ciência e as ciências**. São Paulo: UNESP, 1994.
- MACHADO, Juliana Araújo Lemos da Silva. **Direito, ética e biossegurança**: a obrigação do estado na proteção do genoma humano. São Paulo: UNESP, 2008.
- SANTANA, Edilson. **Filosofar é preciso**: as grandes indagações filosóficas e os enigmas da humanidade. São Paulo: Golden Books, 2007.